



01 a 04 de  
**OUTUBRO**  
EVENTO GRATUITO

# IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE  
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO  
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

## **CORES E CULTURAS: A RELAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS ENTRE A BONECA BARBIE E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA**

*COLORS AND CULTURES: THE RELATIONSHIP OF STEREOTYPES BETWEEN BARBIE DOLL AND ENGLISH LANGUAGE TEACHING*

Harumi Vitoria Fukuchima (UEG)<sup>1</sup>

Marília Silva Vieira Pereira (UEG)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho visa refletir sobre os estereótipos presentes no ensino de língua inglesa a partir de uma comparação com a boneca “Barbie”, abordando como ambos são permeados pelos padrões coloniais e hegemônicos presentes em nossa sociedade. Nessa direção, temos como objetivo geral promover uma reflexão crítica sobre as práticas educativas no ensino de língua inglesa e as propostas apresentadas na Base Nacional Comum Curricular, destacando a relevância de uma abordagem intercultural que valorize a diversidade e as histórias silenciadas. Mais especificamente, questionar um ensino de língua inglesa que se concentra em modelos britânicos e americanos, que desconsideram a diversidade de variantes globais. A fundamentação teórica baseia-se em autoras e autores como, Ann Ducille, Angela Lamas Rodrigues, e Rosani de Fátima Fernandes, que discutem representações estereotipadas de cultura e a necessidade de romper com a visão eurocêntrica. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, que segue procedimentos da análise documental. Dentre os resultados, percebemos que, apesar de haver uma proposta apresentada pela BNCC, os modelos vigentes para o ensino de língua inglesa ainda se concentram em um modelo padronizado e totalmente colonial. Romper com estereótipos e construir um espaço educacional onde todas as culturas e identidades sejam respeitadas e celebradas é a única maneira possível formar cidadãos críticos e conscientes, capazes de valorizar a pluralidade das experiências humanas.

**Palavras-chave:** Língua inglesa. Estereótipos. Interculturalidade. Perspectivas críticas.

**Abstract:** This work aims to reflect on the stereotypes present in English language teaching through a comparison with the “Barbie” doll, addressing how both are permeated by the colonial and hegemonic standards present in our society. In this direction, our general objective is to promote critical reflection on educational practices in English language teaching and the proposals presented in the National Common Curricular Base, highlighting the relevance of an intercultural approach that values diversity and silenced histories. More specifically, we question an English language teaching model focused on British and American models, which ignore the diversity of global variants. The theoretical framework is based on

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG) L1. Cidade de Goiás – GO. [harumi@aluno.ueg.br](mailto:harumi@aluno.ueg.br)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Professora no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG). E-mail: [vicirasmabilia@gmail.com](mailto:vicirasmabilia@gmail.com)



authors such as Ann Ducille, Angela Lamas Rodrigues, and Rosani de Fátima Fernandes, considering their theories on the stereotyped representations of culture and breaking away from the Eurocentric view. This is a qualitative study that follows document analysis procedures. Among the results, we find that, despite a proposal presented by the BNCC, the prevailing models for English language teaching still concentrate on a standardized and completely colonial model. Breaking with stereotypes and building an educational space where all cultures and identities are respected and celebrated is the only way to form critical and conscious citizens capable of valuing the plurality of human experiences.

**Keywords:** English Language. Stereotypes. Interculturality. Critical Perspectives.

## INTRODUÇÃO

Qual imagem vem à nossa cabeça quando pensamos na palavra Barbie? A imagem de uma boneca branca, com cabelos loiros, lisos e longos, de corpo magro, pernas altas e muito glamour. Uma “*blonde bimbo girl in a fantasy world*” conforme trecho da canção de “*Aqua*”, “*Barbie Girl*”. Em outras palavras, a famosa “Barbie Estereotipada”, nomenclatura dada à boneca por Greta Gerwig, diretora do filme “Barbie”, sucesso de bilheteria, lançado no ano de 2023. Embora o filme apresente diferentes versões da mesma boneca, representadas pelo mesmo padrão de corpo, mas com tons de pele e cabelos diferentes, a história que acontece em “*Barbieland*”, o mundo cor-de-rosa habitado pelas Barbies, gira em torno da boneca estereotipada.

E se perguntássemos aos nossos alunos que imagem surge em suas mentes ao pensar em um falante nativo de língua inglesa? A resposta majoritária, sem dúvida, pessoas com perfil “Barbie” e “Ken”, que representam padrões definidos de cor, raça, sexo, status social e com posição social favorável, se comparado às diferentes raças e culturas ao redor do mundo. Assim, como o modelo “Barbie” ideal fixado é sempre a boneca branca e jamais as outras lançadas na versão multicultural, também padronizamos a língua inglesa com um falante nativo a partir dos princípios colonizadores, sem considerar as variantes faladas por pessoas negras, indianas, paquistanesas, jamaicanas entre outras de cinquenta e três países que falam inglês ao redor do mundo, sem contar aqueles que a utilizam como segunda língua oficial.

A língua inglesa, assim como a Barbie estereotipada, também é uma língua de estereótipos. Nas escolas, não se aborda a língua falada em outros países, exceto os Estados Unidos e a



Inglaterra. É comum que professores classifiquem a língua inglesa como "Britânica" ou "Americana", sem perceber que, na verdade, falam o inglês "Brasileiro", uma língua rica em sons, sotaques e culturas de falantes cuja língua materna é o português. Nos livros didáticos e materiais complementares, há uma ênfase excessiva na cultura norte-americana ou inglesa, silenciando histórias e culturas que deveriam ser igualmente valorizadas.

No entanto, percebe-se uma discordância entre a prática educacional às normas e aprendizagem essenciais definidas pelo documento oficial que visa a formação dos estudantes em todo o território brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. O documento apresenta que o ensino de língua inglesa deve favorecer uma educação linguística voltada para a interculturalidade, que, além de respeitadas, também sejam reconhecidas as diferentes formas de ser e de viver. De acordo com a proposta para o ensino de língua inglesa o documento enfatiza o rompimento com a noção de pertencimento da língua a um determinado território, cultura e comunidade, apresentando que

A língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos. (Brasil, 2017, p. 241).

Utilizar a abordagem cultural em sala de aula é o primeiro passo para romper com estereótipos e com o modelo colonial vigente em nossas práticas de ensino. Vincular ao ensino culturas silenciadas é, segundo Daniel Valério Martins, “alcançar a promoção do respeito e tolerância ao diferente, e ao mesmo tempo ponderar entre a perda ou soma de culturas com o contato, iniciado pela “intraculturalidade” rumo à “sobreculturalidade”.” (2018, p.57). Ao apresentar as culturas de forma equalitária, o autor ainda destaca que, a igualdade surgira “ao respeitar toda forma de cultura inserida em um mesmo espaço geográfico, sem discriminar a diferença, e sem permitir a criação de rótulos ou etiquetas”. (2018, p.63)

O conhecimento deve andar de mãos dadas com a diversidade, seja ela cultural, social ou racial. Romper com o tradicionalismo e colonialismo é um passo fundamental para que os



estereótipos não caibam nas nossas práticas educativas. Uma educação, segundo Rosani de Fatima Fernandes (2017, p.191) que enfatize o comprometimento com o aprendizado da convivência respeitosa com as diferenças, com o pluralismo cultural e pela diversidade, permitindo, assim, que os alunos viajem pelo mundo nos paraquedas coloridos metaforizados por Ailton Krenan, para que consigam ver o que está do outro do muro, do outro lado do mundo.

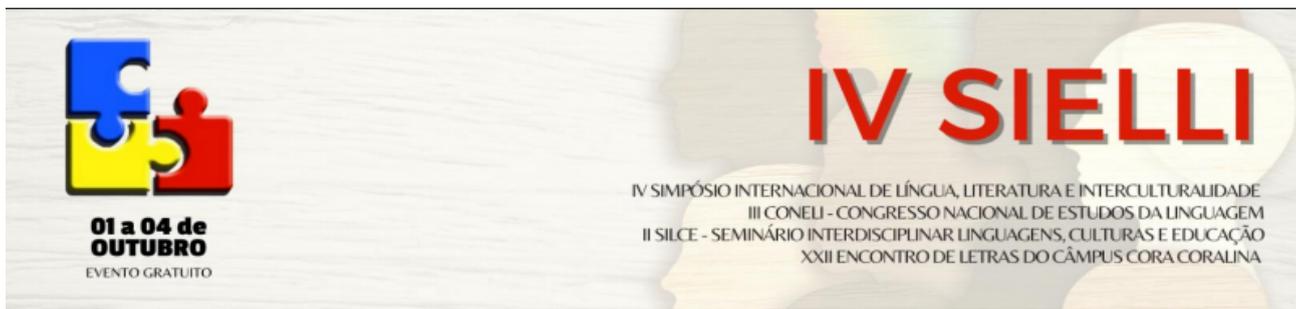
### **BARBIE E ESTERIÓTIPOS: UMA LONGA JORNADA DE CRÍTICA E MUDANÇA**

A primeira boneca Barbie foi inventada por Ruth Handler em homenagem à filha e apresentada ao público pela primeira vez em 1959. Em 1967 a sua versão miscigenada foi lançada, embora apresentasse as mesmas características e padrão da primeira boneca, mas com a coloração diferente da pele. Diferente da sua “irmã branca” que teve seu estoque de meio milhão de bonecas vendidas de forma imediata, “Colored Francie” não teve o sucesso da antecessora. Nos anos seguintes, a empresa Mattel lançou “Christie”, considerada pela empresa a primeira boneca “Afro-americana” e “Julia” inspirada na personagem negra do filme “Nurse Julia”. Somente a partir de 1980 que as bonecas começaram a receber o mesmo nome para todas as versões.

Figura 1



Fonte: History of Barbie Diversity and Inclusion | Mattel (Adaptado)



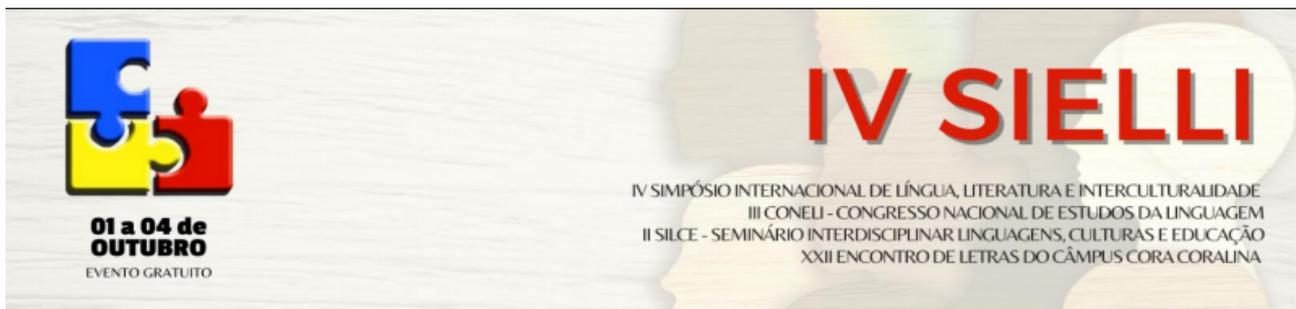
Ann Ducille relaciona os diferentes tipos de bonecas existentes na atualidade com uma “coalizão virtual de arco-íris de cores, raças, etnias e nacionalidades” (2004, p. 269) e, embora o padrão seja sempre o da boneca estereotipada, as cores, figurinos e cabelos são de diferentes formas.

São essas pretensas “bonecas do mundo” multiculturais – Barbie jamaicana, Barbie nigeriana e queniana, Barbie malaia, Barbie chinesa, Barbie mexicana, espanhola e brasileira. (...) Para mim, essas bonecas são ao mesmo tempo um símbolo e um sintoma do que o multiculturalismo se tornou nas mãos da cultura mercantil contemporânea: uma maneira fácil e imensamente criativa de sair do gancho do eurocentrismo que nos dá a face da diversidade cultural sem as particularidades da diferença racial. (Ducille, 2004, p. 269).

Ducille, refere às bonecas “como objetos que realizam o trabalho sujo do patriarcado e do capitalismo de maneira mais insidiosa — sob a forma de brinquedos infantis”, mesmo que a boneca seja tingida de uma cor diferente, com adornos e fantasias, a imagem que apresentam é do mito da “beleza esbelta, pernas longas, cabelo luxuoso e seios fartos”, “um ícone da verdadeira feminilidade branca, um símbolo da ideologia não tão inocente da qual o sonho americano e outros mitos de raça e gênero são feitos.”

O estereótipo da boneca é representado por uma cultura dominante que estabelece um único padrão para a versão “belo”. Ducille nos apresenta que, embora desde 1980 a empresa Mattel tenha demonstrado “interesse” na diversidade representada por suas bonecas, a única que é apresentada nos anúncios e propagandas, é a Barbie branca. A denominação “história única” por Chimamanda Adichie representa uma infinidade de histórias silenciadas em favorecimento de uma única. Uma história colonizadora, incompleta e preconceituosa, que tendem a depreciar diferentes povos e culturas.

Segundo Ana Cristina Carmelino (2018, p.95), estereótipos podem ser vistos de forma positiva, “que vincula à ideia de coesão e identidade social” ou negativa “que o relaciona ao erro e ao preconceito”, o que nos leva a refletir sobre a negatividade em se estabelecer padrões fixos de beleza, de língua e de conhecimento. De acordo com Rosani de Fátima Fernandes (2017, p. 190), nossas escolas estão desprovidas de materiais que contemplem a diversidade e a pluralidade cultural e que muitos profissionais da área desconhecem a relevância do rompimento com a visão



simplificada e estereotipada que são responsáveis pelas formas de intolerância e preconceito. Segundo a autora

O etnocentrismo, nesse sentido, atua negativamente porque hierarquiza as culturas, a exemplo das relações eurocêntricas, muito presentes ainda no Brasil e que consideram inferior tudo que não pareça com a matriz europeia, reproduzindo relações de colonialidade, porque desconsidera os sujeitos, povos e culturas que não se enquadram nessa moldura europeia. Não há cultura superior ou inferior, melhor ou pior, há culturas diferentes. (FERNANDES, 2017, p. 194).

A figura da boneca não é apenas para pensarmos sobre um plástico moldado na figura de um corpo feminino, e sim, uma metáfora sobre padrões considerados “corretos” presentes em todas as áreas da nossa sociedade. Pensar na “Barbie estereotipada” é um convite à reflexão sobre a imposição de uma cultura dominante nos pequenos aspectos da nossa vida. “Barbie, como artefato cultural, pode nos dizer mais sobre nós mesmos e nossa sociedade — mais sobre as atitudes da sociedade em relação às mulheres — do que qualquer coisa que possamos dizer sobre a boneca em si.” (Ducille, 2004, p. 269). Ao mesmo tempo que a boneca que sensualiza e introduz padrões de beleza, também estereotipa pessoas de outras cores, cabelos, corpos, culturas e gêneros.

## O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E A INTERCULTURALIDADE

O Ensino de língua inglesa tem sido assunto de bastante relevância por professores, pesquisadores e escritores das áreas que envolvem o processo de ensinar uma segunda língua por uma perspectiva decolonial e crítica. As novas perspectivas visam um ensino que torne igualitário a valorização das línguas marginalizadas e silenciadas. A língua inglesa, também estereotipada como “Barbie” é conceituada por Ângela Lamas Rodrigues como “a língua franca do dinheiro e do poder” (2011). Segundo a autora, a “americanização” que caracterizou uma padronização da cultura mundial foi responsável pela marginalização de línguas minoritárias e pela colonialidade do saber. A autora aponta que, apesar das consequências da hegemonia da língua inglesa, ela “apresenta-se, na atualidade, como ferramenta sociocultural predestinada a encurtar distâncias”, sejam elas políticas, culturais ou sociais, facilitando, assim, a comunicação.



Toda essa imagem apresentada pela língua inglesa como forma de poder, dominação e hegemonia são representações dos estereótipos que construímos a partir das relações sociais e ao que fomos apresentados no espaço escolar. Ruth Amossy nos faz refletir sobre as abordagens culturais inglesas e norte-americanas utilizadas no ensino de língua inglesa apresentando que, em situações de dominação, o estereótipo que desvaloriza uma cultura, aparece como instrumento de legitimação da outra, visivelmente “em casos de subordinação de um grupo étnico ou nacional a outro”. (2002, p. 45). Nas palavras da autora, “o estereótipo aparece sobretudo como um instrumento de categorização que nos permite distinguir confortavelmente um “nós” de um “eles”.” (2002, p. 49).

Em sua obra “Ensinando a transgredir” Bell hooks dedica um capítulo para metaforizar “a língua do opressor” do poema de Adrienne Rich, com a maneira como as pessoas moldam a língua inglesa “para transformá-la num território que limita e define como a tronam uma arma capaz de envergonhar, humilhar e colonizar”. (2013, p.224). A autora aborda a necessidade de aprender tanto com os espaços de fala como os espaços de silêncio para que haja um rompimento com a ideia vigente que determina um único inglês como padrão.

Embora livros didáticos e materiais complementares para o ensino de língua inglesa no Brasil tenham apresentado uma melhora significativa, ainda há muito a ser repensado e reformulado. A importância sobre as discussões acerca da diversidade cultural é apontada por Rosani de Fátima Fernandes como ponto fundamental na formação de professores. A autora critica os materiais didáticos que não contemplem a diversidade e a reprodução das “verdades” como único método educacional, fomentando a visão estereotipada sobre a diversidade, tendo como consequência a intolerância e o preconceito. Dessa forma, enfatiza a necessidade de posturas diferenciadas e rompimento com a intolerância com povos culturalmente diferenciados, contribuindo com uma convivência de respeito e promoção dos direitos humanos.

A interculturalidade deve estar presente nas escolas, como forma de conhecer o “outro”, que pode ser indígena, negro, quilombola, estrangeiro, cigano, ribeirinho, homossexual, de outra religião, ou ainda, uma pessoa idosa, com costumes e formas de pensar diferentes! (Fernandes, 2017, p. 191).



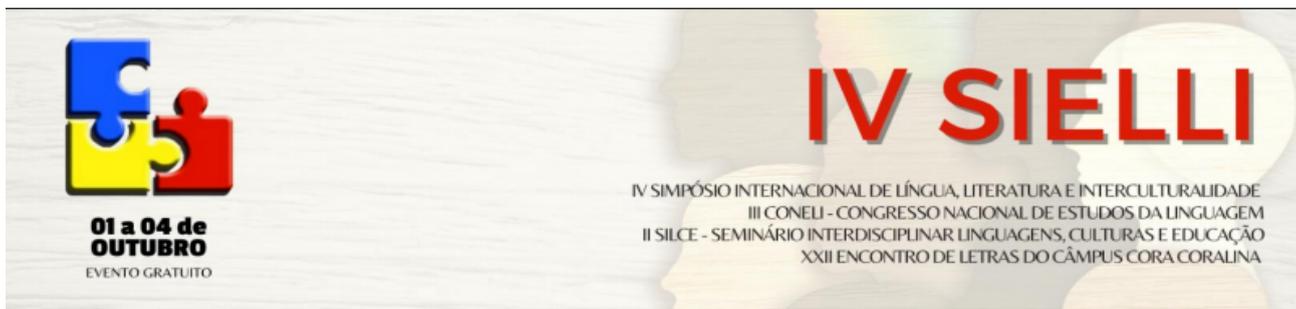
“O que significa, então, quando meninas ganham bonecas para brincar que não se parecem em nada com elas?” (2004, p. 267), questiona Ducille ao repensar a sua infância cercada por bonecas brancas que jamais se pareciam com ela. Esse mesmo questionamento deve ser feito por nós, professores. “O que significa, então, quando alunos são expostos a histórias que silenciam as demais, inclusive a nossa própria?” Nessa mesma linha de pensamento, Fernandes aponta as relações marcadas pelo etnocentrismo que se manifestam de diferentes maneiras, como o preconceito, interiorização e subalternização do outro.

O etnocentrismo, nesse sentido, atua negativamente porque hierarquiza as culturas, a exemplo das relações eurocênicas, muito presentes ainda no Brasil e que consideram inferior tudo que não pareça com a matriz europeia, reproduzindo relações de colonialidade, porque desconsidera os sujeitos, povos e culturas que não se enquadram nessa moldura europeia. Não há cultura superior ou inferior, melhor ou pior, há culturas diferentes! (Fernandes, 2017, p. 194).

Ao apresentar a língua inglesa como “a língua do outro”, Guilherme Jotto Kawachi problematiza as generalizações e estereótipos frequentes nas aulas de língua estrangeira, onde o termo “outro” se refere ao enorme distanciamento entre as culturas locais, comunitárias e globais. Dados relatados em trabalho com seus alunos evidenciaram que as visões de cultura e de mundo ainda são atravessadas por representações objetivistas e conclui que essa visão única de uma língua “branca” é fruto de uma educação que, classifica, categoriza e generaliza.

Visões essencialistas e tipificadoras de cultura existem porque somos incentivados, a todo momento, a generalizar, a compartimentalizar sentidos em categorias rigidamente estabelecidas. Com o cuidado de não querer atribuir superpoderes a nós, professores, e à escola/universidade, penso que é por meio da educação linguística crítica e marcada pela interculturalidade que devemos abrir espaço para o contrário: para a diversidade, para o reconhecimento do outro que não se vê em produções artísticas do mainstream, para as diferenças que existem em nossas salas de aula e em nossas comunidades e que são, muitas vezes, ignoradas ou silenciadas. (Kawachi, 2018, p. 175).

Avançaremos em nossas aulas quando conseguirmos de fato perpetuar que as “diferenças” não fazem a menor diferença. Além de compreender a segunda língua oficial do nosso país, as aulas de língua inglesa devem permitir aos alunos uma visão diferente da linguagem de cor, de status e de padrões. Assim como a “Barbie” o ensino de línguas desempenha um papel muito importante na vida dos nossos alunos, que é fazê-los perceber como parte de integrante de um mundo divertido. É



perceber que as outras histórias serviram como alicerce para a única que nos foi contada e é reconhecer que, dentre todos os mais de sessenta países que têm a língua inglesa como língua oficial são de igual importância aos “estereotipados”.

A adoção das práticas dos letramentos no ensino de língua inglesa reflete uma resposta essencial que rompe com métodos tradicionais de ensino. Ao mesmo tempo, também nos ensina que as práticas do letramento estão, além das tecnologias digitais, nas nossas vidas, nas nossas interações, na nossa sociedade e nos nossos conhecimentos. Trabalhar com letramentos é fazer com que os estudantes se tornem cada vez mais críticos e participativos, e é papel das instituições de ensino oportunizá-los a participar ativamente da vida em sociedade. Nas palavras de Rojo (2009, p.107), é possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática.

## **A PROPOSTA DOS LETRAMENTOS NO DOCUMENTO CURRICULAR DE GOIÁS**

Embora Barbie e Língua Inglesa a princípio não tenha aparentemente aspectos em comum, ambos apresentam de forma silenciosa uma marca forte de estereótipos, além de representarem um único padrão colonial do belo, correto e principal que contribuem para a perpetuação da cultura branca, da heteronormatividade e também da falta de diversidade. Podemos também relacionar nossas salas de aula com o mundo cor-de-rosa apresentado no filme Barbie, onde, as outras bonecas que representam as diferentes culturas repetem a todo tempo “Hi, Barbie!” que pouco se difere das práticas de ensino de língua inglesa vigente em nossas escolas. Um ensino marcado por discursos repetidores apresentados de maneira fragmentado e segmentado.

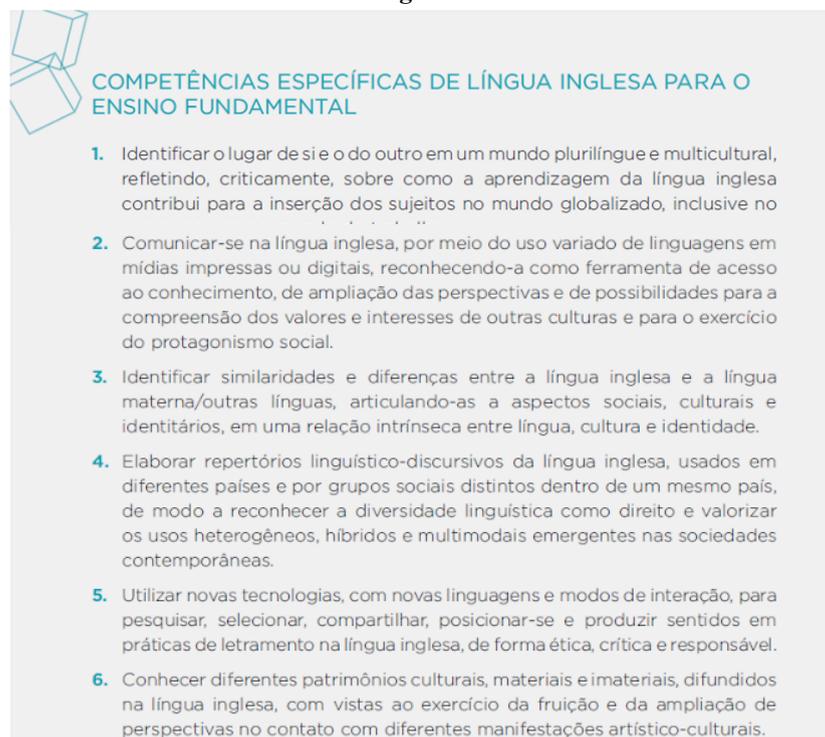
“Que inglês é esse que ensinamos na escola?”, frase retirada do segundo parágrafo do texto relacionado ao ensino de língua inglesa na Base Nacional Comum Curricular. Esse documento visa uniformizar as aprendizagens essenciais para crianças que compõem a Educação Básica em todo o território nacional. O documento propõe a criação de novas formas de engajar e incentivar a participação dos alunos, possibilitando tanto o acesso aos saberes linguísticos, como a formação crítica que contribua para o exercício da cidadania.



Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos. (Brasil, 2017, p. 241).

No que se refere ao ensino de língua inglesa, o documento apresenta três implicações para que o trabalho possa atingir seus objetivos, sendo a primeira uma revisão das relações entre língua, território e cultura; a segunda diz respeito aos multiletramentos e; a terceira com foco nas abordagens de ensino. São essas três implicações que orientam os denominados “eixos organizadores”, sendo eles: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural. Além disso, apresenta as competências específicas para cada área do conhecimento e, ao apresentar as habilidades, as áreas de conhecimento são divididas em seus componentes curriculares. Na área de linguagens, as competências específicas são divididas em seis.

**Figura 2**



**Fonte:** Brasil (2017, p. 246)



De acordo com o documento em análise, existe uma preocupação em tornar igualitária a língua inglesa falada em diferentes culturas. É possível perceber que, em todas as competências apresentadas na gravura anterior, a linguagem, cultura e diversidade são o foco. Fernandes questiona, em seu artigo, a maneira correta que os professores devem atuar para a formação de pessoas menos intolerantes e o desenvolvimento de atividades com ênfase no rompimento da visão de diferença.

Desenvolver sensibilidades para a compreensão do outro a partir dos seus próprios termos, da sua própria lógica e maneira de ver o mundo é algo urgente para que haja menos intolerância e mais respeito às diferenças. Nisso reside o papel do educador comprometido com uma sociedade mais justa e plural, pois o pluralismo é uma resposta à diversidade, assim como assinalam diversos documentos internacionais de proteção e promoção de direitos humanos. A Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais afirma que a diversidade cultural é inseparável do respeito à dignidade humana, é, portanto, um “imperativo ético” e implica no respeito aos direitos humanos, especialmente dos povos tradicionais (Fernandes, 2017, p.203).

Nessa mesma perspectiva, Luiz Fernandes de Oliveira e Vera Maria Candau expõem a necessidade de “tornar visíveis outras lógicas e formas de pensar, diferentes da lógica eurocêntrica dominante” (2010, p. 26). Nesse sentido, trabalhar diferentes culturas com o intuito de gerar conhecimentos novos que permitam incluir os conhecimentos subalternizados a partir de uma relação mais igualitária. Segundo os autores, o reconhecimento e a valorização de histórias, culturas e identidades é o ponto chave para combater o racismo. Esse reconhecimento implica em “desconstruir o mito da democracia racial, adotar estratégias pedagógicas de valorização da diferença, reforçar a luta antirracista e questionar as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos e comportamentos discriminatórios.” (2010, p.32)

Embora tenha por objetivo principal um ensino “orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática” (BRASIL, 2017, p. 7), a BNCC, referente ao ensino de língua inglesa, não leva em consideração as particularidades e a heterogeneidade dos diferentes contextos que estão presentes em nossas escolas, apresentando conteúdos padronizados e sequenciais, impossibilitando que professores tragam para a sala a subjetividade tão presente no ensino de línguas. A inglês falado



por Barbie é a mesma língua do opressor citada por Bell hooks, “a língua da conquista e da dominação; a máscara que oculta a perda de muitos idiomas, de todos os sons das diversas comunidades nativas que jamais ouviremos” (2013, p. 224)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da figura da boneca Barbie em conjunto com a língua inglesa nos leva a reflexões profundas sobre estereótipos e a construção de identidades. O mundo perfeito da Barbie dissemina o ideal social dominante sobre gênero e raça, onde a boneca, simbolizando um ideal de beleza branca, loira e magra, reflete a imposição de padrões que, muitas vezes, se repetem em outras esferas da sociedade, incluindo a educação linguística. Quando consideramos um padrão de ensino de língua inglesa, a associação imediata é frequentemente com figuras que se encaixam nos mesmos padrões estéticos e culturais promovidos pela Barbie estereotipada. Essa visão é limitante e não representa a rica diversidade de culturas que utilizam a língua inglesa ao redor do mundo que ainda vive dentro de um molde hegemônico, com visões eurocêntricas, que se concentram quase exclusivamente em modelos de fala britânica ou americana.

Nos textos apresentados pela Base Nacional Comum Curricular as questões culturais deveriam estar nas nossas salas de aula e nas nossas práticas educativas. Mas o caminho de rompimento com o processo de decolonização é muito longo. Ao mesmo tempo que o documento apresenta uma oportunidade significativa para repensar essa abordagem, reconhecendo que a língua não é propriedade de um único grupo ou nação, a BNCC fragmenta e verticaliza seus conteúdos impossibilitando que os usos e variantes do inglês que emergem de diversas culturas e contextos sejam trabalhados a fim de favorecer um ensino onde a interculturalidade seja abordada.

Ao adotar uma perspectiva intercultural, o ensino de língua inglesa pode romper com estereótipos que marginalizam vozes e culturas. Isso não significa apenas incluir representações mais diversas em materiais didáticos, mas, fundamentalmente, reformular a forma como pensamos sobre o que constitui um "falante nativo". É ter a visão de autores como Bell hooks que refletem acerca do sofrimento de pessoas que tiveram que silenciar suas vozes e histórias para adotarem a



língua de seus opressores e pensar como tudo isso ainda reflete nas práticas atuais no ensino de línguas.

Assim como a Barbie estereotipada perpetua uma visão única de beleza e sucesso, a forma como ensinamos a língua inglesa pode perpetuar visões simplificadas e estereotipadas de culturas e identidades. Devemos, portanto, questionar: "O que significa quando os alunos são expostos a histórias que silenciaram as demais, incluindo as suas próprias?" O ensino deve promover um ambiente onde os alunos não apenas aprendam uma língua, mas também desenvolvam uma consciência crítica sobre as dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam o uso da língua. Essa conscientização é fundamental para que eles se tornem cidadãos ativos e engajados em suas comunidades.

Os professores devem estar cientes de que a língua e a cultura são intrinsecamente ligadas, e que o ensino deve refletir essa complexidade. Além disso, a proposta de utilizar uma abordagem cultural em sala de aula é essencial para promover o respeito e a tolerância à diversidade, a fim de possibilitar com que os alunos se tornem mais conscientes das desigualdades que permeiam as representações linguísticas e culturais. A educação deve ser um espaço onde todas as vozes são ouvidas e valorizadas, contribuindo para a construção de um ambiente mais justo e inclusivo.

Por fim, a relação entre a Barbie e a língua inglesa nos oferece uma oportunidade valiosa para refletirmos sobre a educação que desejamos promover. Uma educação que, ao invés de perpetuar estereótipos e desigualdades, busca abrir espaços para que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas. Ao fazer isso, contribuimos para a formação de cidadãos críticos e conscientes, que reconhecem a riqueza da diversidade e o poder transformador da educação. É por meio dessa mudança que podemos garantir que as futuras gerações tenham uma compreensão mais ampla e inclusiva do mundo em que vivem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



ACQUA. **Barbie Girl**. Dinamarca: Universal, 1997. Disponível em: <https://soundcloud.com/furky35/aqua-barbie-girl?in=folla-hema/sets/barby>. Acesso em 1 out. 2024.

AMOSSY, Ruth. & PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos e clichês**. São Paulo: Contexto, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCpublicacao.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2024.

CARMELINO, Ana Cristina. O brasileiro aos olhos do português: piada e estereótipo. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 19, n. 1, pp. 92-111, 2018.

DUCILLE, Ann. Dyes and Dolls: Multicultural Barbie and the Merchandising of Difference. **Differences**, pp. 66-68, 2014.

FERNANDES, Rosani de Fátima. Sobre povos indígenas e diversidade na escola: superando estereótipos. In: Beltrão, Jane Felipe; Lacerda, Paula Mendes (Org.). **Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Mórula editorial/Aba publicações, 2017.

FERRAZ, Daniel de Mello. Multiletramentos: epistemologias, ontologias ou pedagogias? Ou tudo isso ao mesmo tempo? In: GUALBERTO, Clarice Lage; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; SANTOS, Zaira Bomfante dos. **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 63-87.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular para Goiás/ DC-GO**: Goiânia, 2018. Disponível em: <https://cee.go.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Doc.-Curricular-para-Goiias-Ampliado-Vol.-II.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.

KAWACHI, Guilherme Jotto. “A brasileira-francesa”, “o homem perfeito”, “a americana patricinha”: representações culturais e educação crítica no ensino de inglês em contexto universitário. In: FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI, Guilherme Jotto. **Educação linguística em línguas estrangeiras**, 2018, p. 157-181.

MARTINS, D. V.; COUTO, A. L. N. G. do; SÁNCHEZ, P. B. **Conceitos de Contatos Culturais e de Intervenção Social que Incidem na Sociedade Latinoamericana do Século XXI: Intra,**



**Multi, Inter, Trans e Sobreculturalidade.** Revista Pluri, Cruzeiro do Sul Virtual - Tatuapé, v. 1, n. 1, 2018.

OLIVEIRA, Luís Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

RODRIGUES, Ângela Lamas. **A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência.** Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.